

Crescimento com a livre iniciativa

GAZETA MERCANTIL

15 OUT 1986

por José Casado
de Brasília

Ao participar da cerimônia de posse da nova diretoria da Confederação Nacional da Indústria (CNI), ontem, em Brasília, o presidente José Sarney assistiu a uma das mais vigorosas manifestações políticas de apoio ao seu governo, protagonizada por líderes empresariais de todo o País.

Num improviso, marcado pelo tom comovido, o presidente agradeceu aos 4 mil empresários que lotaram o auditório da CNI: "O apoio empresarial é decisivo para o êxito e a unidade política tão indispensáveis ao projeto de crescimento do País".

A uma platéia ansiosa por definições de rumos políticos, oito meses após a mais profunda intervenção na economia já realizada por um governo republicano, o presidente indicou duas diretrizes básicas:

• O governo federal não pretende comprometer o processo de crescimento



Albano Franco

econômico com medidas casuísticas de natureza fiscal. "A resposta ao aquecimento do consumo não é aumento dos impostos, a contenção do consumo, mas a expansão da produção. Não podemos correr o risco de desembocar novamente numa recessão econômica. O aumento do poder aquisitivo do nosso po-

vo e a expansão do mercado interno são o instrumento mais seguro de nossa prosperidade econômica", disse.

• Apesar dos gestos intervencionistas do governo na execução do plano de estabilização econômica — desapropriação de bois no pasto, com uso de força policial, é o exemplo mais recente —, o presidente procurou deixar claro que está mantido o seu compromisso de liberar ao setor privado a condução da nova etapa de desenvolvimento. "Em qualquer lugar do mundo onde a iniciativa privada entrou em colapso, aí entrou em colapso a nossa liberdade", comentou.

Ele agradecia a uma convocação feita momentos antes aos empresários pelo industrial Albano do Prado Franco, senador (PFL-SE), que inicia o seu terceiro mandato consecutivo no comando da influente CNI. "A hora é política e políticas são as decisões que o Brasil tem de tomar. Decisões que passam, necessariamente, pela união de todos os brasileiros", disse Franco.

Alinhou dois desafios cruciais para a Nação — a dívida externa e o Plano Cruzado —, propondo a unidade política em torno do governo Sarney.

Lembrando que, só no ano passado, o País transferiu ao exterior sete vezes mais dinheiro do que gastou nos seus projetos e programas sociais, o presidente da CNI acusou: "Na medida em que elites insensíveis aceitam esta amarga e humilhante situação, elas fabricam o desânimo e a desesperança, estimulam os regimes de força, favorecem o populismo, duplamente autoritário e demagógico". E acrescentou: "A dívida externa frustra, nessas condições, o desenvolvimento dos devedores, ameaça a democracia e é instrumento de conflitos explosivos".

Observou, porém, que não adianta montar-se um "escudo" político interno contra os credores internacionais, "se não formos unidos aqui dentro". E chamou a atenção de seus pares para o que considera "artificiosa simplificação" das dificuldades do Plano Cruzado. "O plano enfrenta dificuldades. Possíveis ajustamentos operacionais, contudo, não invalidam a substancialidade das suas diretrizes", concluiu.